

APROXIMAÇÕES ENTRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

■ WOLNEY HONORIO FILHO

<https://orcid.org/0000-0002-3087-437X>

Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

■ RITA TATIANA CARDOSO ERBS

<http://orcid.org/0000-0002-6274-1678>

Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

RESUMO

O objetivo deste texto é mostrar as aproximações entre pesquisa (auto)biográfica e história da educação. Este texto é resultado de uma pesquisa bibliográfica, bem como de reflexões dos autores, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (PPGEDUC/UFG/RC), na linha de pesquisa Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (Auto) Biográfica. Como resultado, constatamos que há tanto aproximações quanto distanciamento entre as práticas de pesquisa (auto)biográfica e história da educação. Distanciam-se quando em pesquisa (auto) biográfica a produção de *corpus* da pesquisa visa também à formação do sujeito narrador. Aproximam-se de formas múltiplas, especialmente ao trabalharem com memórias possíveis em contextos históricos.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)Biográfica. História da Educação. Formação.

ABSTRACT

APPROACHES BETWEEN (AUTO)BIOGRAPHICAL RESEARCH AND HISTORY OF EDUCATION

The purpose of this paper is to show the approximations between (auto) biographical research and the history of education. This text is the result of a bibliographical research, as well as reflections by the authors, in the Postgraduate Program in Education, at the Federal University of Goiás - Regional Catalão (PPGEDUC / UFG / RC), in the line of research Educational Policies, History of Education and (Auto) Biographical Research. As a result, we found that there are both approaches and distances between (auto)biographical research practices and the history of education. They distance themselves

when in (auto) biographical research the production of research corpus also aims at the formation of the narrator subject. They approach in multiple ways, especially when working with possible memories in historical contexts.

Keywords: (Auto)Biographical Research. History of Education. Formation.

RESUMEN APROXIMACIONES ENTRE LA INVESTIGACIÓN (AUTO) BIOGRÁFICA Y LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN

El propósito de este trabajo es mostrar las aproximaciones entre la investigación (auto)biográfica y la historia de la educación. Este texto es el resultado de una investigación bibliográfica, así como de reflexiones de los autores, en el Programa de Posgrado en Educación, de la Universidad Federal de Goiás-Regional Catalão (PPGEDUC / UFG / RC), en la línea de investigación políticas educativas, historia de educación e investigación (auto)biográfica. Como resultado, encontramos que existen aproximaciones y distancias entre las prácticas de investigación (auto)biográfica y la historia de la educación. Se distancian cuando, en la investigación (auto)biográfica, la producción de datos orales también apunta a la formación del sujeto narrador. Se acercan de múltiples maneras, especialmente cuando trabajan con posibles recuerdos en contextos históricos.

Palabras clave: Investigación (Auto)biográfica. Historia de la educación. Formación.

Toda história do sofrimento clama por vingança e exige narração.

(RICOEUR, 2012, p. 311)

Introdução

O objetivo deste texto é discutir aproximações entre pesquisa (auto)biográfica e história da educação. Partimos, portanto, de um problema: como a pesquisa (auto)biográfica e a história da educação se aproximam para o conhecimento da realidade histórica educacional?

Este texto é resultado de uma pesquisa bibliográfica, bem como de reflexões dos autores, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (PPGEDUC/UFG/RC). Estas reflexões fo-

ram pautadas em orientações realizadas até o presente momento¹, bem como nos debates no interior da disciplina Seminário de Pesquisa I e II, do (PPGEDUC/UFG/RC)². Temos participado de investigações que tomam o caminho metodológico das histórias de vida, direcionando a

1 Destacamos: Lima (2014); Guardieiro Costa (2015); Sabino da Silva (2015); Silva (2015); Cruz (2015); Jacob (2016); Paislandin (2017); Alves (2017); Vas (2018); Felipe (2018); Estas são orientações do Prof. Wolney no PPGEDUC-UFG-RC e a Prof. Rita acompanhou as de 2017 e 2018.

2 Linha de Pesquisa: Políticas educacionais, História da Educação e Pesquisa (auto)biográfica.

produção de conhecimento sobre histórias de professores, alunos e técnicos administrativos, bem como de instituições escolares³. Vê-se, com essas experiências, um recorte que direciona a produção para um olhar também para a história da educação, o que nos faz, então, pensar no problema da relação da pesquisa (auto)biográfica com a história da educação.

O que é a investigação com pesquisa (auto)biográfica que fazemos?

As narrativas possuem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da viagem narrada. (DELGADO, 2003, p. 22)

Para tratarmos sobre a investigação com pesquisas (auto)biográficas faremos um recorte sobre a relação das pesquisas com as seguintes dimensões: terminologia; as relações entre história oral e história de vida; da biografia à biografização.

Terminologias

Trataremos de duas questões terminológicas: primeiro, por que (auto)biografias, enfatizada neste texto, com “auto” entre parênteses? Segundo a variedade de termos que se apresentam neste campo de pesquisa.

Conforme o texto “Dimensões da Pesquisa (auto)biográfica no V CIPA⁴”, o olhar intercultural da produção científica no campo da pesquisa (auto)biográfica

[...] talvez esteja melhor dimensionado quando utilizamos o parênteses com o prefixo “auto” antecedendo o termo biografia: (auto)biografia. Esta nomenclatura, utilizada no livro “A avenu-

ra (auto)biográfica...” talvez já carregasse em si as dimensões que Pineau e Josso ressaltaram, ou seja, a mistura que acontece na pesquisa com histórias de vida entre o mundo do pesquisador e do narrador entrevistado, tomado pelas biografias ou autobiografias, e que do ponto de vista teórico metodológico vem sendo problematizado nas pesquisas (auto)biográficas em educação (HONÓRIO FILHO, 2014, p. 154)

O termo pesquisa (auto) biográfica, já anunciado no I CIPA⁵, traduz, no nosso entender, o olhar intercultural presente nas produções. Honório Filho (2014) assinala ainda a mistura positiva de referências teórico-metodológicas presente nas produções de pesquisa em educação que, segundo Passeggi (2010, p. 112) tem “[...] por ambição compreender como os indivíduos (a criança, o jovem, o adulto,...) e/ou os grupos (familiares, profissionais, gregários...) atribuem sentido ao curso da vida, no percurso de sua formação humana, no decurso da história”.

Quanto ao segundo item, a variedade de termos que se apresenta neste campo de pesquisa, no texto *Estado da arte da pesquisa (auto)biográfica: uma análise do portal de periódicos CAPES* (RAMOS; OLIVEIRA; SANTOS, 2017) traz o resultado de uma pesquisa sobre o estado da arte da pesquisa (auto)biográfica, construído por meio de resultados do levantamento de artigos em relação a esse campo de pesquisa, no portal de periódicos do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os autores trazem uma tabela com os oito descritores: pesquisa (auto)biográfica, pesquisa autobiográfica, pesquisa biográfica, abordagem (auto)biográfica, abordagem autobiográfica, abordagem biográfica, narrativa(s) (auto)biográfica, narrativa(s) autobiográfica (RAMOS; OLIVEIRA; SANTOS, 2017, p. 455).

Os autores mostram que há, neste campo de pesquisa da pós-graduação em Educa-

3 Cabe lembrar a publicação HONÓRIO FILHO (2017), nos anais de 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ) - Salamanca/Espanha, sobre história das instituições escolares que adotam as biografias narrativas como metodologia de pesquisa.

4 CIPA – Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica.

5 Realizado em Porto Alegre, em 2012. Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/cipa/>. Acesso em: 16 jun. 2014.

ção, direções, escolhas que o fortalecem, mas criam também problemas devido aos múltiplos campos do conhecimento envolvidos, a saber: “Ciências Humanas, Filosofia, Educação, Educação Física, História, Psicologia, Comunicação, Saúde, Ciências Sociais e Geografia” (RAMOS; OLIVEIRA; SANTOS, 2017, p. 463). Esta capacidade de articulação do campo de pesquisa (auto)biográfica abre-se à variedade de fontes e estratégias metodológicas, prevalecendo as “narrativas/relatos (auto)biográficos, orais e escritos, as histórias de vida e os memoriais de formação” (RAMOS; OLIVEIRA; SANTOS, 2017, p. 464).

A dimensão “Terminologia” vem sendo problematizada, imaginamos, porque o campo de pesquisa (auto)biográfica vem crescendo no País⁶, o que a torna objeto de indagações identitárias no campo científico. A adoção, por nós, do termo (auto)biografia diz respeito à ideia intercultural presente no termo, como também às possibilidades diversas que o termo faz pensar, tendo em vista a análise de fontes produzidas tanto por escrituras individuais, entrevistas, cartas, relatórios etc. Porém, esta posição não significa que nos contrapomos a outros(as) pesquisadores(as) que não adotam esta terminologia. Aliás, cabe lembrar que frequentemente utilizamos também a terminologia “pesquisa *biográfico narrativa*”.

O que consideramos importante afirmar é o crescimento científico que o campo da pesquisa (auto)biográfica teve no Brasil, desde a edição do I CIPA, tendo em vista o conhecimento da educação e da história da educação.

As Relações entre História Oral e História de Vida

Na nossa experiência de pesquisa, uma questão que tem nos sobressaltado, especialmen-

te quando recebemos alunos no Mestrado em Educação, na linha de pesquisa “Políticas educacionais, história da educação e pesquisa (auto)biográfica”⁸, é, ao começarmos as apreciações aos projetos de pesquisa, os alunos nos colocam dúvidas sobre a relação entre História Oral e História de Vida, ou pesquisa (auto)biográfica. O que faremos aqui é mostrar aproximações e distanciamentos ou, ainda, como não tratar estes campos de pesquisa como contraditórios e exclusivos, pois, pelo contrário, há uma margem significativa em ambos os campos que pode ajudar o pesquisador no processo de conhecimento da realidade histórica.

Da História Oral

Guarinello, em 1998, publicou, no primeiro volume da Revista História Oral, um artigo em que dizia que não havia consenso entre os próprios praticantes da História Oral sobre seus objetivos, seus métodos, objetos de pesquisa ou mesmo a relação com outras ciências humanas. O problema, segundo o autor, está no próprio termo: oral, que se aproxima da Sociologia, Antropologia, Psicologia ou mesmo memória individual, e, História, que entre tantos meios de produzir informações sobre o passado, poderia submeter a história oral como um “[...] simples método de coleta de informações” (GUARINELLO, 1998, p. 62).

O autor, nesse pequeno texto, tenta explicitar o que é a História Oral, fazendo uma analogia com a Arqueologia e a História, propriamente dita. Diz que o que a diferença de ambas é “[...] a natureza dos vínculos que a unem ao passado” (GUARINELLO, 1998, p. 62). E também que a história oral não se debruça sobre um arquivo morto, “[...] os vestígios de que se utiliza não são fixos, como para os das

6 Em 2018, houve o VIII CIPA, com aumentos significativos de número de trabalhos encaminhados para o evento.

7 Termo utilizado por Bolívar (2002a; 2012a; 2012b)

8 Programa de Pós-graduação em Educação – UFG-Regional Catalão: https://mestrado_educacao.catalao.ufg.br/

outras *Histórias*, não são ruínas passíveis de dissecação, mas memórias vivas, de indivíduos precisos, que as produzem segundo as demandas dos oralistas” (GUARINELLO, 1998, p. 62-63, *grifos nossos*). E completa que de dentro da oficina dos oralistas as dificuldades de consenso são documentar as informações e discriminar a relação entre historiador/pesquisador e entrevistado.

Diferentemente de outras áreas, como a Arqueologia, os oralistas não só produzem os documentos, como também os próprios vestígios: “[...] definem a abrangência da cobertura, seus objetivos, temas e questões centrais e interferem no processo de coleta de modo inelutavelmente individual, pelo tipo de relação que estabelecem com os entrevistados e pelo modo como os orientam na produção de suas próprias memórias” (GUARINELLO, 1998, p. 63). Ou seja, os oralistas são incapazes de padronizar processos de produção de fontes documentais, tal como fazem a História e a Arqueologia, segundo o autor.

Grele (2006, p. 73) escreve que

En lo que ahora parece una edad de oro pasada, muchos de nosotros sostuvimos que el papel de la historia oral era revolucionar el estudio de la historia incorporando poblaciones abandonadas hasta ese momento y reconociendo sus habilidades para formular sus propias historias. A pesar de lo que ahora se ve como evidentes contradicciones, fascinados por el hallazgo de las entrevistas que reunimos, las personas con las que hablamos nos aportaron más que simple información acerca del pasado. Así que empezamos a defender que eran más ricas que los catálogos o documentos archivados, eran textos en sí mismos.⁹

9 No que agora parece uma idade de ouro, muitos de nós argumentamos que o papel da história oral era revolucionar o estudo da história incorporando populações até então abandonadas e reconhecendo suas habilidades para formular suas próprias histórias. Apesar do que agora é visto como contradições óbvias, fascinado pela descoberta das entrevistas que reunimos, as pessoas com quem conversamos nos forneceram mais do que simples informações sobre o passado. Então começamos a defender que eram

Ex-diretor da Oral History Office, Columbia University, Estados Unidos, Grele (2006) posiciona-se dizendo que a tarefa fundamental é a compreensão do passado, ou seja, a História. Porém, assume que a tarefa atual (2006) é compreender a dimensão internacional dessa revolução no campo da História, com a inclusão da História Oral. Para ele, o uso da História Oral se fundou

[...] como método para recuperar la historia de aquellos cuya historia no se había incluido en las formas tradicionales de historiografía: miembros de la clase trabajadora, mujeres, negros, minorías oprimidas, etc. El discurso dominante del grupo era un discurso enmarcado en las tradiciones del marxismo y de la izquierda euroatlántica que subrayaba la centralidad del mundo de la producción. (GRELE, 2006, p. 75)¹⁰.

O que vem por aí, segundo o autor:

La siguiente etapa de la historia oral no es, desde mi punto de vista, la era digital – ése es solo el medio. La siguiente etapa es el enfoque en la globalización y las formas de opresión introducidas por las estructuras de esa formación y desmitificar lo que parece ser un acto de la naturaleza. (GRELE, 2006, p. 76)¹¹.

Vê-se aqui a preocupação com os oprimidos e com a desnaturalização dos fatos sociais.

Alessandro Portelli, em entrevista a Almeida e Koury (2014), indica que a “História Oral é precisamente um método para contestar, para dizer não a essa ideologia hegemônica,

mais ricas que catálogos ou documentos arquivados, eram textos em si mesmos. (Tradução nossa)

10 [...] como método de recuperar a história daqueles cuja história não fora incluída nas formas tradicionais de historiografia: membros da classe trabalhadora, mulheres, negros, minorias oprimidas, etc. O discurso dominante do grupo foi um discurso enquadrado nas tradições do marxismo e da esquerda euro-atlântica que minou a centralidade do mundo da produção. (Tradução nossa)

11 O próximo estágio da história oral não é, na minha opinião, a era digital - é apenas o meio. O próximo estágio é o foco na globalização e nas formas de opressão introduzidas pelas estruturas dessa formação e desmistificar o que parece ser um ato da natureza. (Tradução nossa)

pois sempre houve uma intenção popular, uma participação popular nos acontecimentos históricos”. (p. 214). E, nesse sentido, o pesquisador italiano contesta a ideia de uma memória coletiva:

[...] não creio muito em algo que se coloque como uma memória coletiva, porque não vejo onde está situada uma memória coletiva, a não ser nas atividades intelectuais de cada um dos indivíduos. Uma memória coletiva institucionalizada pode transformar-se nessas memórias hegemônicas muito fortes que estão consolidadas em arquivos oficiais e em monumentos, que me parece importante que existam. No entanto, o que vemos na História Oral é mais a memória que cada ser humano tem individualmente.

Essa memória é um produto social, porque todos nós falamos um idioma, que é um produto social. Nossa experiência é uma experiência social, mas não se pode submeter completamente a memória de nenhum indivíduo sob um marco de memória coletiva. Cada pessoa tem uma memória, de alguma forma, diferente de todas as demais. Então, o que vemos, mais que uma memória coletiva, é que há um horizonte de memórias possíveis [...]. (PORTELLI, 2014, p. 201)

Portelli (2014, p. 214), ao falar sobre memórias possíveis, está se referindo às memórias de algum fato:

A questão é que ambas, a direita e a esquerda, consideram que ter uma memória dividida, um conflito de memórias no país, é algo que não deve existir: deve-se ter uma memória unificada. Do meu ponto de vista, esta é uma posição inconcebível, pois as memórias têm que estar divididas: um conflito de memórias. Uma coisa é acertar os acontecimentos na medida em que isso seja possível, mas decidir qual é o sentido dos acontecimentos, quais são os valores que estão implicados nisso é algo bem diferente.

A ideia de “conflito de memória” abarca, portanto, uma diversidade de possibilidades interpretativas sobre o fato social.

O mesmo autor, no texto “A filosofia e os fatos” (1996), explora a ideia da importância da

subjetividade nas narrativas, o que distancia a pesquisa com esse material dos ideais de objetividade:

Não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro. Não dispomos de fatos, mas dispomos de textos; e estes, a seu modo, são também fatos, ou o que é o mesmo: dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados com técnicas e procedimentos em alguma medida controláveis, elaborados por disciplinas precisas como a linguística, a narrativa ou a teoria da literatura. (PORTELLI, 1996, p. 62)

O autor avalia que a subjetividade é, em última instância, fatos. Fatos de outra ordem, que têm como relevância a perspectiva subjetiva do narrador, Portelli (1996, p. 63) afirma que:

No plano narrativo, Máuri utiliza um procedimento que se assemelha tanto às fontes orais como ao romance moderno, posterior ao século XIX: o ponto de vista circunscrito. Este procedimento reconhece, por um lado, os limites da percepção individual, mas, pelo outro, baseia neles a autoridade da narração. Vejamos o exemplo de um contexto completamente diferente: o antropólogo James Clifford conta, na introdução de seu *Writing Culture*, a história do índio canadense Cree que foi chamado a prestar um depoimento perante um tribunal; quando lhe foi pedido que jurasse dizer toda a verdade, a testemunha respondeu: “Não sei se posso dizer a verdade... posso apenas dizer o que sei”. Do mesmo modo, no romance moderno, desde Conrad e James em diante, a autoridade narrativa já não se baseia na ficção impossível de um narrador onisciente acima do desenvolvimento dos fatos, mas na experiência limitada e ainda concreta de um narrador parcial imerso em seu interior. O ponto é, pois, que nos romances modernos, como na narração de Máuri e de Douglas, os fatos importantes são os que se desenvolvem dentro da consciência: não são os fatos vistos, mas o processo de visão, interpretação e, em consequência, de mudança.

Para dar suporte à tese de que a subjetividade é um fato social, Portelli (1996, p. 64-65) explora a questão da representatividade da narrativa do sujeito:

Portanto, a palavra-chave aqui é possibilidade. No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada.

O autor ainda complementa sobre as possibilidades:

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis". (PORTELLI, 1996, p. 71)

Verena Alberti (1996, p. 04), no texto "O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado", aborda sobre a especificidade da história oral:

Ora, do mesmo modo que uma autobiografia, podemos dizer que uma entrevista de história oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações implicadas na própria entrevista. Com uma diferença, é claro: enquanto na autobiografia há apenas um autor, na entrevista de história oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Assim, mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico – sobre ações passadas.

Para a autora, a entrevista é uma ação não apenas de construção do passado, mas ação de constituição de memória: "[...] a meu ver, a grande riqueza da história oral é ela permitir investigações sobre como representações se tornam fatos – o que pressupõe um caráter "acontecimental" da memória, para além de sua função de "significar" o passado" (ALBERTI, 1996, p. 10).

Em outro texto *Possibilidades das fontes orais: um exemplo de pesquisa*, Alberti e Pereira (2008), ao apresentarem reflexões sobre as possibilidades de utilização de fontes orais em pesquisas históricas, dizem que há uma estreita articulação entre a história oral e a história política: "Uma história política entendida não como história dos "grandes homens" e dos "grandes feitos", e sim como estudo das diferentes formas de articulação de atores e grupos, trazendo à luz a importância das ações dos indivíduos e de suas estratégias" (ALBERTI; PEREIRA, 2008, p. 82).

Assim, para os autores, a história oral "[...] permite, não de modo exclusivo, a ampliação do conhecimento sobre o passado" (ALBERTI; PEREIRA, 2008, p. 85). No exemplo de pesquisa que desenvolveram, intitulada *História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral*, desenvolvida entre 2003 e 2007, no Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, afirmam que

As entrevistas com militantes do movimento negro permitem perceber como a construção dessa identidade "negra" está ligada a contextos histórico-culturais e a trajetórias individuais e se constitui como resposta à experiência de racismo. Ou seja, essa identidade não está dada de antemão, ela é historicamente construída" (ALBERTI; PEREIRA, 2008, p. 85).

Os poucos exemplos que trouxemos aqui nos mostram que a prática de pesquisa com a

história oral toma a relação da história narrada por indivíduos com contextos sócio-históricos como estratégia de conhecimento da realidade. Trazem o tema da relação entre pesquisador e entrevistado como problemática em termos metodológicos.

Vemos, assim, que a tarefa fundamental da história oral é a compreensão do passado. Que é forte a intenção de quebra de ideologias hegemônicas que dominam o campo de conhecimento histórico que excluem a participação popular da história. Portelli valoriza o conflito de memórias e releva o horizonte de memórias possíveis, o que, certamente, quebra as certezas de uma memória oficial. Dessa forma, o processo de visão e interpretação da realidade, dada pelos entrevistados, suas subjetividades, assume o status de fato social.

Verena Alberti (1996), por sua vez, destaca que o importante na história oral é como representações se tornam fatos.

Das Histórias de Vida

Ribeiro (1995), ao tratar das histórias de vida nos procedimentos de pesquisa em Sociologia, diz que o interesse pelos sujeitos

Leva implícito o princípio de assumi-los na perspectiva de “membro(s) de toda uma cultura, ligado(os) a uma determinada comunidade e integrado(s) num determinado sistema de vida” (FERRAROTTI, 1985, p. 104). E isto porque, como o autor que vimos citando defende, à Sociologia não interessa o que *A* ou *B* possam sentir como indivíduos no decurso acidental das suas experiências pessoais, mas sim aquilo que as pessoas sentem e pensam como membros de uma dada comunidade. (RIBEIRO, 1995, p. 126, grifos nossos)

A autora diz que selecionou a abordagem com história de vida, que se diz “relato de vida”, para captar informação em pesquisa sociológica. Na sua essência,

[...] a captação das informações, através das histórias de vida procede, basicamente, pela realização de *entrevistas retrospectivas aprofundadas* (Thompson, 1980: 249), nas quais o sujeito-fonte de informação vai, livremente, (re)fazendo a memória das suas vivências/experiências, funcionando as expectativas e os objetivos da pesquisa como fio condutor e instrumento de sistematização da narrativa. Esta constitui o chamado material biográfico primário, o qual pode ser, e quase sempre é, complementado, ilustrado, apoiado por material biográfico dito secundário – cartas, fotos, diários, etc. (RIBEIRO, 1995, p. 130, grifos nossos)

Os dados obtidos numa entrevista são produto da relação entre entrevistador e sujeito entrevistado, ou seja, da interação entre eles. Assim,

Ouvir e acompanhar os sujeitos/narradores das histórias de vida representa, pois, uma possibilidade de *descobrir* as práticas sociais a partir das lógicas que as sustentam, das significações que lhes subjazem, descobrir a sociedade e a cultura, *a partir de dentro*, isto é, da forma, como os indivíduos, na sua vida quotidiana, delas se apropriam, as assumem e (re)criam. (RIBEIRO, 1995, p. 133, grifos nossos)

Há, nestes trechos do texto de Ribeiro, a intenção de partir do sujeito narrador para conhecer a sociedade e a cultura, a partir de dentro, ou seja, da narrativa do entrevistado. Salienta a dimensão cultural das histórias de vida como “[...] o conjunto das referências exteriores ao indivíduo, que lhes contextualizam e, largamente, lhe configuram os comportamentos e as vivências (3) [...]”. (WATSON, 1989 apud RIBEIRO, 1995, p. 133).

No texto “*Conte-me sua história*”: reflexões sobre o método de História de Vida, Silva, Barros e Barros (2007, p. 31) dizem que o objetivo da história de vida “[...] é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. Isto é, por meio da história de vida contada da maneira que é própria do sujeito, tentamos compreender o universo do qual ele faz parte. Isto nos

mostra a faceta do mundo subjetivo em relação permanente e simultânea com os fatos sociais.”

Para as autoras, uma diferença entre história oral e história de vida é o fato de que esta última metodologia propõe uma “[...] escuta comprometida, engajada e participativa. Na relação de cumplicidade entre pesquisadores e sujeitos pesquisados encontra-se a possibilidade daquele que narra sua história experimentar uma ressignificação de seu percurso e dar continuidade à construção de um sentido frente a este relato endereçado” (SILVA, BARROS E BARROS, 2007, p. 31). Esta é uma diferença que acontece, especialmente, quando as histórias de vida são utilizadas para o processo de formação do sujeito narrador.

No texto *Historia de Vida: ¿Un método para las ciencias sociales?*, Veras (2010) localiza as primeiras utilizações das histórias de vida em Sociologia no princípio do século XX. Nos anos 1940, com a crítica positivista sobre os documentos pessoais, os cientistas sociais tomam distância dessa técnica de investigação. Superada a crítica sobre a utilização de relatos e documentos pessoais, “[...] las varias técnicas representadas por la historia oral - historia de vida, biografías, autobiografías, testimonios y entrevistas - fueron poco a poco recuperando su lugar o, mejor dicho, siendo vistas como técnicas importantes en el trabajo del sociólogo.” (VERAS, 2010, p. 144)¹²

Este texto de Veras é escrito em contraponto a *Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1991). Veras imerge no texto de Queiroz, buscando ver como se dá a diferença entre história oral, história de vida, testemunho pessoal, biografia e autobiografia:

12 As várias técnicas representadas pela história oral - história de vida, biografias, autobiografias, testemunhos e entrevistas - foram gradualmente recuperando seu lugar ou, antes, sendo vistas como importantes técnicas no trabalho do sociólogo. (Tradução nossa)

La historia de vida es una especie de información, al lado de otras, que constituye el amplio cuadro de la historia oral que, en este caso, corresponde al género que reúne todos los conceptos ya referidos. Así, la historia oral es definida como: “El termino amplio que recubre una cantidad de relatos respecto de hechos no registrados por otro tipo de documentación, o cuya documentación se desea completar. Recogida por medio de entrevistas de variadas formas, ella registra la experiencia de un individuo o de diversos individuos de una misma colectividad. En este último caso, se busca la convergencia de relatos sobre un mismo acontecimiento o sobre un mismo periodo de tempo.”¹³ (QUEIROZ, 1991 apud VERAS, 2010, p. 144)

Para Queiroz

El testimonio personal, por ejemplo, es definido a partir del interés del investigador. De manera que “de la vida de su informante sólo le interesan los acontecimientos que vengan a insertarse directamente en el trabajo. Y la elección es hecha únicamente con base en este criterio” (Queiroz 1991: 7). Contrariamente, en la historia de vida: “lo importante es que sean captadas las experiencias del entrevistado. Él es quien determina qué es relevante o no para ser narrado, él es quien tiene el hilo conductor. Nada de lo que relata puede ser considerado superfluo, pues todo se encadena para componer y explicar su existencia.” (VERAS, 2010, p. 144-145)¹⁴

13 A história da vida é um tipo de informação, ao lado de outras, que constitui o amplo quadro da história oral que, nesse caso, corresponde ao gênero que reúne todos os conceitos já mencionados. Assim, a história oral é definida como: “O termo amplo que abrange várias histórias sobre eventos não registrados por outros tipos de documentação, ou cuja documentação você deseja preencher. Coletado através de entrevistas de várias maneiras, ele registra a experiência de um indivíduo ou vários indivíduos da mesma comunidade. Neste último caso, busca-se a convergência de histórias sobre o mesmo evento ou durante o mesmo período” (Tradução nossa).

14 O testemunho pessoal, por exemplo, é definido a partir do interesse do pesquisador. Então, “na vida de seu informante, você só está interessado em eventos que entram diretamente no trabalho. E a escolha é feita apenas com base nesse critério” (QUEIROZ 1991, p. 7, tradução nossa). Pelo contrário, na história da vida: “o importante é que as experiências do entrevistado sejam capturadas. Ele é quem determina o que é relevante ou não a ser narrado, é ele quem tem o fio condutor. Nada do que ele relata pode ser conside-

Assim, cumpre assinalar o papel determinante do investigador em função do que deseja conhecer:

Lo que define la elección de la técnica es lo que el investigador desea descubrir. Es decir, el tipo de investigación que pretende realizar, la cuestión que él se propone contestar. En cualquiera de los casos, relato personal o historia de vida, con una fuerte intervención del investigador o ausencia de la intervención; la actividad está siempre bajo el control del investigador, fue él “quién escogió el tema de la investigación, formuló las cuestiones que desea aclarar, propuso los problemas” (QUEIROZ, 1991 apud VERAS, 2010, p. 145)¹⁵.

Veras (2010), ao reproduzir a obra de Queiroz, nos dá pistas sobre a diferença entre história de vida e biografia. Diz que na primeira, o sociólogo busca, através do indivíduo, o grupo, a sociedade da qual ele faz parte, ou seja, busca a coletividade a partir do indivíduo. O biógrafo, precisa entender a sociedade para explicar a vida do biografado. Com isso, ela mostra onde quer chegar: de que a obra de Queiroz trata o tema da relação entre indivíduo e sociedade de forma dicotômica.

A autora, então, recorre à imaginação sociológica para tratar do tema da história de vida como método. Cita Mills:

Ningún estudio social que no vuelva al problema de la biografía, de la historia y de sus relaciones dentro de una sociedad, completó su jornada intelectual [...] Pues esa imaginación es la capacidad de pasar de una perspectiva a otra – de la política a la psicológica; del examen de una única familia, al análisis comparativo

rado supérfluo, pois tudo está ligado para compor e explicar sua existência”. (Tradução nossa)

15 O que define a escolha da técnica é o que o pesquisador deseja descobrir. Ou seja, o tipo de pesquisa que ele pretende realizar, a pergunta que ele pretende responder. Em qualquer um dos casos, relato pessoal ou histórico de vida, com forte intervenção do investigador ou ausência da intervenção; a atividade está sempre sob o controle do pesquisador, foi ele quem “escolheu o tema da pesquisa, formulou as questões que deseja esclarecer, propôs os problemas” (Tradução nossa).

de los presupuestos nacionales del mundo; de la escuela teológica, a la estructura militar; de consideraciones de una industria petrolífera, a los estudios de la poesía contemporánea. Es la capacidad de irse de las más remotas transformaciones a las características más íntimas del ser humano – y ver las relaciones entre las dos. Su utilización se fundamenta siempre en la necesidad de conocer el sentido social e histórico del individuo en la sociedad y en el periodo en el cual su calidad y su ser se manifiestan.” (MILLS, 1965 apud VERAS, 2010, p. 147-148)¹⁶

Assim, para a autora, a superação da visão dicotômica pode ser realizada pelo cruzamento da vida de homens e mulheres com as estruturas sociais (VERAS, 2010, p. 148), ou seja, “Comprender la historia de vida como método de investigación requiere la aceptación de la premisa de la imaginación sociológica como la capacidad de mediación entre el individuo, la biografía y la historia, es decir, las estructuras sociales” (VERAS, 2010, p. 150)¹⁷.

Maria Helena Menna Barreto Abrahão, no texto “Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica” (2003), ressalta a história oral como uma das fontes que podem ser utilizadas, assim como narrativas, fotos, vídeos, filmes e outros documentos em geral, mas enfatizando que neste tipo de pesquisa somos dependentes da memória, pois esta é que irá auxiliar o

16 Nenhum estudo social que não retorne ao problema da biografia, da história e de seus relacionamentos dentro de uma sociedade concluiu sua jornada intelectual. [...] Pois essa imaginação é a capacidade de passar de uma perspectiva para outra - da política ao psicológico; do exame de uma única família, à análise comparativa dos orçamentos nacionais do mundo; da escola teológica à estrutura militar; desde considerações de uma indústria petrolífera até estudos de poesia contemporânea. É a capacidade de passar das transformações mais remotas às características mais íntimas do ser humano – e de ver as relações entre os dois. Seu uso é sempre baseado na necessidade de conhecer o significado social e histórico do indivíduo na sociedade e no período em que sua qualidade e ser se manifestam. (Tradução nossa)

17 Compreender a história de vida como método de pesquisa requer aceitação da premissa da imaginação sociológica como capacidade de mediação entre o indivíduo, a biografia e a história, isto é, estruturas sociais. (Tradução nossa)

pesquisador a compreender o seu objeto de estudo.

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de auto-conhecimento. Por esta razão, sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo. Nesta tradição de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica. (ABRAHÃO, 2003, p. 80)

Neste texto, publicado antes do I Congresso de Pesquisa (auto)biográfica (I CIPA), congresso que ela o organizou pela primeira vez, fica evidente a tentativa de Abrahão de mostrar os fundamentos da pesquisa, seus pressupostos, possibilidades e a produção de conhecimentos inseridos na área da História da Educação. Fazendo referência à pesquisa de educadores rio-grandenses, a autora revela que a pesquisa com Histórias de Vida, ultrapassa a visão positivista e também a visão interacionista. Desta forma, Abrahão (2003, p. 82) quebra o pêndulo que oscila entre subjetividade/objetividade, passado/presente, individual/social, pesquisador/narrador:

Com base nesse entendimento, na pesquisa retro-mencionada, deu suporte à produção de informações a corrente que ultrapassa a visão positivista, em que as Histórias de Vida são entendidas como um documento positivo em detrimento da reconstrução do processo de produção desse documento, desde que as Histórias de Vida são vistas como indício de um dado momento no tempo passado, deixando de se tematizar o momento presente da enunciação. O suporte teórico da metodologia empregada a essa produção ultrapassou, também, a visão

interacionista, mediante a qual o que realmente importa é a construção dual de situações no processo de produção de relatos, abstraindo da reflexão o contexto dos próprios enunciados, esquecendo, portanto, de fazer emergir o contexto das relações macro – sócio-político-culturais e econômicas – que perpassa a situação de interação na qual a História de Vida adquire sentido.

Para além dos sentidos duais e dicotômicos, a pesquisa proposta por Abrahão (2003) refere-se à possibilidade de integração desses aspectos a partir da conscientização do próprio pesquisador dessas interações duais e dicotômicas nas suas compreensões e análises.

Também consideramos importante salientar que, já neste texto, Abrahão assume a influência de autores que até o momento auxiliam os pesquisadores brasileiros a compreenderem a complexidade a as múltiplas possibilidades da pesquisa com histórias de vida. Destacamos Santamarinas e Marinas (1994), que trazem a *comprensión encénica*, que Abrahão traduz como compreensão do contexto e que insere o contexto vivido no passado; contexto presente; o contexto da entrevista. A partir da compreensão de contexto como um texto que se tece, como a tessitura de grande tecido em um tear, o pesquisador terá alcance em um momento de fusão entre tecelão, fio e tear, com uma coisa só, pelo menos é assim que compreendemos a proposta de Abrahão (2003, p. 281) quando enfatiza, a partir de Santamarinas e Marinas (1994) que “[...] o trabalho com Histórias de Vida em contexto exige uma redefinição mais aberta das fases de todo o processo de investigação e que nos encontramos com histórias de pessoas e de grupos, cujo sentido contribuimos para estabelecer.”

Como pesquisadores, fomos influenciados por essas concepções e estamos em conjunto com os nossos pares tateando uma redefinição mais aberta das fases de investigação com Histórias de Vida e Pesquisa (auto)biográfica,

assim como refletindo sobre o processo de fusão entre tecelão, tecido e tear, rompendo com uma visão, com uma perspectiva e com uma forma de se fazer pesquisa, mas ao mesmo tempo seguindo indícios, percebendo rastros que nos permitam inserir esta forma de construção de conhecimento no meio acadêmico e na história da educação:

Trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos narrativos diversos, mas, sim, participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador. Por isso, o estudo autobiográfico é uma construção da qual participa o próprio investigador, razão pela qual, dada a particularidade de seu modo de produção. (ABRAHÃO, 2003, p. 85)

De aproximações e distanciamento entre História Oral e História de Vida

Haike Roselane Kleber da Silva, no texto *Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia* (2002), traça uma relação entre biografia, história de vida e história oral. O autor desenvolve a ideia de que a vida do sujeito passou de um momento de alto relevo, tempo das grandes biografias, heroicas, para o seu deslocamento para o submundo da ciência, desde o positivismo, passando pelo marxismo e chegando, no caso da História, à escola dos Annales. O sujeito é medido pelas convenções sociais. Enquanto na história “[...] há um refluxo do indivíduo como problemática científica, nas Ciências Sociais, ele aparece instituindo um novo modo de abordar a sociedade” (p. 28). Isso nos leva a pensar de que o desafio para a História é encarar o sujeito não apenas como um destino coletivo, mas como um lugar central no modo de se pensar o social.

Conforme o autor,

A relação entre liberdade individual e normas sociais parece ser a questão central que a *biografia* pode tentar responder. Segundo Levi (1996), o *gênero biográfico* é “o campo ideal para verificar o caráter intersticial da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições”. Trata-se, portanto, de romper não apenas com a linearidade e a homogeneidade do indivíduo, mas também do social; reagir à suposta determinação do coletivo sobre o indivíduo, ou, como afirma Loriga (1998, p. 249), “revelar os conflitos que presidiram a formação e a edificação das práticas culturais: penso nas inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, ‘façam’ eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder.” (SILVA, 2002, p. 33)

Quando enfatiza o retorno do sujeito e da biografia, Silva (2002) a vê como a biografia de um grupo.

No texto *Sujeitos que lembram: história oral e histórias de vida*, Cunha e Machado (2003), partindo da ideia de que *uma história é sempre a história de alguém*, afirmam que

[...] há uma psicologia popular contida na narrativa oral, imanente às práticas de história oral e histórias de vida a ser melhor pesquisada, possibilitando consciência e conseqüente emancipação, fluxo de afetos e re-apropriação da história pelos sujeitos nela envolvidos. (CUNHA; MACHADO, 2003, p. 75)

Estaria esta psicologia popular atravessando estes campos de pesquisa, história oral e história de vida, de modo a reivindicar dos mesmos mais atenção à realidade e menos às suas diferenças?

Lígia Maria Leite Pereira, no texto *Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias* (2000), diz que os três gêneros distintos – biografias, histórias de vida e autobiografias – se baseiam na sequência biográfica. A autora trabalha com a versão de que

autobiografia consiste na narrativa da própria existência. A história de vida seria o relato de um narrador sobre sua existência, com a intermediação de um pesquisador. E a biografia, a história de um indivíduo escrita por outro.

A autora nos alerta para o fato de que “[...] em História e em Ciências Sociais, o trabalho deve começar pela crítica e contextualização do documento, seja ele qual for: o depoimento oral, documentos pessoais ou outros documentos escritos” (p. 126).

Assim, como se aproximam e como se distanciam a História Oral e a História de Vida? Em termos de pesquisa qualitativa, podemos dizer que há sim produtivas aproximações. Conforme dito acima, é impossível e inviável tentativas de padronização das fontes orais.

Há também uma evidente preocupação com o fato de que a produção das fontes é um momento (histórico) de produção de memórias. E, como ressalta Portelli (2014), memórias não hegemônicas, divididas e possíveis. Não se trata de buscar a verdade histórica, e não que isso não seja importante, mas as subjetividades presentes no ato de produção de memórias.

Outra questão de aproximação é o relevo dado ao papel do investigador. Tanto o pesquisador quanto o narrador entrevistado estão imersos em subjetividades “socialmente compartilhadas” (PORTELLI, 2014, p. 64-65), mas, geralmente, o investigador, com suas questões de pesquisa, é quem dá direção à pesquisa e produz, com suas análises, outras narrativas possíveis.

Quanto aos distanciamentos, admitimos que é tênue a linha que os separa. A ideia de trabalhar com histórias de vida está presente no movimento de História Oral, como também na história das Ciências Sociais. Histórias de vida enquanto metodologia de pesquisa, visando ao conhecimento da realidade sócio-histórica.

A pesquisa (auto)biográfica se firmou como campo especialmente no trato da formação humana. Ou seja, utilizou-se das histórias de vida para levar o sujeito narrador ao melhor conhecimento de si e, portanto, para uma autoformação e autotransformação. Não percebemos essa característica nos poucos trabalhos sobre História Oral que visitamos.

Da biografia à biografização

Trataremos, por fim, da dimensão “da biografia à biografização”, tendo em vista o problema: como surgiu a pesquisa (auto)biográfica e qual é a sua relação com a história da educação? Para isso, exploraremos dois textos. O primeiro, *Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação*, de Delory-Momberger (2011) e o segundo, *Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica* (2012), da mesma autora. Isso porque trazem uma reflexão apropriada sobre o “biográfico” como categoria para as pesquisas com histórias de vida e formação.

Para a autora, o curso da vida não é natural, como se poderia pensar comparativamente ao curso celeste dos astros:

Os seres humanos não têm uma relação direta, transparente, com o vivido e o desenrolar de sua vida, essa relação é construída e mediada pela cultura e adota a forma de representações, esquemas, modelos, programas biográficos transmitidos pelas instituições, organizações coletivas, grupos sociais. É também o que diz a etimologia da palavra *biografia*, literalmente, *escrita da vida*: as culturas e sociedades transmitem e impõem, até certo ponto, *escritas da vida*, e os indivíduos *escrevem – biografam* – seus próprios percursos de vida no contexto dessas trajetórias modelizantes e programáticas. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 335)

Como narramos/biografamos nossas vidas? De modo geral, utilizamos *moldes* biográficos, como se fossem *moldes de costura*. Estes moldes oferecem “[...] esquemas e modalidades

de relação com eles mesmos e de inserção na comunidade, eles acompanham a evolução societária nesse domínio [...]” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 335-336). Para Delory-Momberger, há um processo de esquecimento do contexto sócio-histórico, o que, conseqüentemente, faz com que “[...] *objetivamos, naturalizamos* o modelo de narrativa de formação e atribuímos a ele uma dimensão de verdade e de realidade fora do tempo e da história [...]” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 339, grifo nosso).

Existe algum poder na narrativa que a faz formadora? Que produz efeitos de formação e transformação do narrador? Existe algo na narrativa que faz com que o Sujeito aja sobre si mesmo e sobre as determinações de sua existência? Delory-Momberger (2012, p. 340) nos diz:

Não, não há milagre nem revelação! Não, quem faz a narrativa de sua vida não descobre uma história que teria ignorado até então, repentinamente revelada! Não, não há um sentido oculto, preexistente, que a narrativa vem desvendar! E para chegar ao fundo do raciocínio: Não, não há história nem sentido antes que a narrativa construa a história e estabeleça o sentido, e sempre de forma provisória e inconclusa. Se existe, pois, um poder, encontra-se na narrativa.

Trata-se de um poder nada místico, mas historiador. “A narrativa narra histórias! Perturbadora evidência e quase-tautológica!” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 340). A narrativa, para a autora, é um espaço de formação, elaboração e experimentação da própria história:

Nesse sentido, a biografia poderia ser definida como uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos. Tal atividade de biografização apresenta-se como uma hermenêutica prática, um marco de estruturação e de significação da experiência que permite ao indivíduo criar uma história e uma forma própria – uma identidade

ou individualidade – para *si mesmo* (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 341)

Ora, se o curso normal da vida não é natural, a experiência também não o é. Ela é construída e construída biograficamente, conforme Delory-Momberger (2012, p. 341):

Pela narrativa transformamos os acontecimentos, as ações e as pessoas de nossa vida em episódios, intrigas e personagens; pela narrativa organizamos os acontecimentos no tempo, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida e que dá uma História a nossa vida. Em outros termos, não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.

Delory-Momberger (2011) nos diz também que é próprio da pesquisa biográfica a exploração dos processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social. Enfim,

[...] o que a entrevista de pesquisa biográfica procura apreender e compreender é justamente a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular (DELORY-MOMBERGER 2011, p. 526)

Uma indagação que já pode ser feita aqui, portanto, é se a emergência, ou gênese do indivíduo, expressiva em biografias narrativas, não intervém no modo como percebemos a história da educação? Acreditamos que sim. Não se trata de trilhar caminhos teórico-metodológicos já trilhados. Mas, de abrir novas valas de passagem para a relação entre o presente, o passado e os possíveis futuros.

Considerações finais

Quando nos propusemos a provocar a discussão entre a Pesquisa (Auto)Biográfica e a Histó-

ria da Educação, partimos dos questionamentos dos(as) alunos(as) e dos nossos, professores(as), para entrelaçar autores que pudessem contribuir para nossa compreensão acerca do que estamos fazendo, como estamos fazendo e quais áreas do conhecimento estão envolvidas na construção do conhecimento sobre passado/presente/futuro histórico cultural da educação.

Percebemos aproximações notórias da Pesquisa (Auto)Biográfica com a História da Educação se conseguirmos romper com a questão da disciplinaridade e se conseguirmos lançar olhares, pensamentos e atitudes para interdisciplinaridade, para a transdisciplinaridade, rompendo com o paradigma positivista, ainda tão presente na subjetividade de pesquisadores, embora já com um discurso para além das dicotomias.

Ao percebermos a História da Educação como história de pessoas que trilham, propagam e transformam a sua vida e a vida de outros, sejam como teóricos da educação, professores, alunos, técnicos, familiares (pais, mães e responsáveis de alunos) e a comunidade para além dos muros das instituições de ensino, temos o argumento para Pesquisa (Auto)biográfica como um elo perdido, que a partir de cada uma das narrativas produzidas traz um novo material para compor a nossa história e a História da Educação.

Consideramos que para fazermos as aproximações que nos propusemos foi importante discutir as dimensões da Terminologia; As Relações entre História Oral e História de Vida; Da Biografia à Biografização.

Grossi e Ferreira (2001) nos chamam a atenção para o dilema entre o tempo da natureza, metrificado, e o tempo da experiência, descontínuo, fragmentado, desigual. A experiência do tempo, no contexto da existência, nos deixa perplexos. Para eles, a razão narrativa

[...] desemboca no saber contar um fato real

ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas que não retornam mais. Nesse contar é que a história (Clio), filha de Mnemósine, abre cenários para se interpretar a teia de acontecimentos. Assim, o sujeito que narra é portador de uma memória que esculpe, no tempo, uma história. (GROSSI; FERREIRA, 2001, p. 30)

Barbosa, no texto *A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação* (1997) diz que viver e interpretar a vida são processos diferenciados, ou seja, não são transparentes. A História pode ser tanto o que se viveu quanto a interpretação do que se viveu. No caso das histórias de vida, não de toda a vida, mas aquela que o narrador se propôs a contar. Neste caso, pode-se dizer também que existe uma historicidade da percepção da vida. Olhar a vida por um contínuo, algo que se dá no tempo, a partir do tempo presente.

No texto *História do tempo presente e historiografia*, François Dosse (2012) destaca a “[...] ascensão de parte da história contemporânea e, por outro lado, verificamos o lugar crescente da memória e a sua conexão entre a noção de história do tempo presente” (p. 06). Ou seja, Dosse (2012) defende “[...] a ideia de uma verdadeira singularidade da noção da história do tempo presente que reside na contemporaneidade do não contemporâneo, na espessura temporal do “espaço de experiência” e no presente do passado incorporado” (p. 06). Este tempo presente

[...] não é mais considerado um simples período adicional mais próximo. O conceito remete em sua acepção extensiva ao que é do passado e nos é ainda contemporâneo, ou ainda, apresenta um sentido para nós do contemporâneo não contemporâneo. A noção de “tempo presente” se torna nesse contexto um meio de revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também as possíveis incertezas. A distância temporal que nos separa do passado se transforma, porque até então considerada uma desvantagem, ela se transforma em uma sedimen-

tação de camadas sucessivas de sentido que expandem o seu alcance graças à maior profundidade (DOSSE, 2012, p. 11-12, grifos nossos)

Conforme o autor, fazendo referência à Escola de Chicago, onde alguns autores consideram o princípio do uso das histórias de vida na contemporaneidade, “[...] a História do tempo presente não é sinônimo de história oral”. O autor propõe não sacralizar a oralidade depois de ter sacralizado as fontes escritas em um movimento de pêndulo excessivo. Para Dosse (2012), a operação historiográfica não deve se reduzir “[...] a uma simples extensão e expressão da memória” (p. 16).

Certamente, não estamos, com referência a Dosse, afirmando, exclusivamente, que a relação da pesquisa (auto)biográfica com a história da educação se dê pelo viés teórico da História do Presente. Porém, como a História do Tempo Presente realçou o “lugar crescente da memória”, e memória, assim como a dimensão da experiência e temporalidade, atravessa a pesquisa (auto)biográfica, a história da educação sob a perspectiva do viés do tempo presente pode sim ser retroalimentada pelas histórias de vida.

Entender como os sujeitos interpretam as situações educacionais de seus tempos, ou seja, como significam suas experiências educacionais, que podem ser traduzidas como uma atividade de biografização, conforme Delory-Monberger (2012), permite-nos olhar a história da educação pela subjetividade desses sujeitos. Não apenas buscar o que aconteceu, mas como os narradores significam os fatos históricos, a partir de suas histórias de vida.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Educação e Trabalho: pesquisando com histórias de vida – 1988 a 1997. **Revista Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 155-162, out. 2007. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/3555>. Acesso em: 29 mar. de 2020

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**. Porto Alegre/RS. v. 07, n. 14, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 11 mai. 2018.

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: **CPDOC**, 1996. 8f. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6767?show=full>. Acesso em: 04 mai. 2018.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. Possibilidades das fontes orais: um exemplo de pesquisa. **Anos 90** (UFRGS), v. 15, p. 73-98, 2008.

ALMEIDA, Paulo Roberto de e KOURY, Yara Aun. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **Revista História e Perspectivas**. Uberlândia (50), p. 197-226, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/27504>. Acesso em: 29 mar. 2020.

ALVES, Flávia Velloso. **Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC) nas narrativas de servidores técnicos administrativos de 1987 a 2015**. 2017. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação. Catalão, 2017.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. A experiência humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.17, n. 33, p. 293-305, 1997. Disponível em: www.anpuh.org. Acesso em: 29 mai. 2020.

BOLÍVAR, Antonio. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Ciudad de México. v. 4, n. 1, 2002a. Instituto de Investigación y Desarrollo Educativo de la Universidad Autónoma de Baja California. p. 1-26. Disponível em: <http://redie.uabc.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>. Acesso em: 09 mai. 2014.

BOLÍVAR, A. Dimensões epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográficas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria Conceição (org.) **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I. Natal: EDUFERN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012a. p. 27-70.

BOLÍVAR, Antonio. Metodología de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. In: PASSEGGI, Maria Conceição. e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo II. Natal: EDUFERN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012b. p. 79-110

CRUZ, Thimoteo Pereira. **Formação do psicólogo(a) em Catalão/GO na perspectiva do egresso – 2007-2014**. 2015. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação. Catalão, 2015.

CUNHA, Jorge Luiz da, MACHADO, Alexsandro dos Santos Sujeitos que lembram: história oral e histórias de vida. **Revista História da Educação**, ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas. v. 07, N.14, p. 63-77, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30222>. Acesso em: 04 mai. 2018.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **MÉTIS: história & cultura**. Universidade de Caxias do Sul/Centro de Ciências Humanas/Área de História. V. 1, N. 1, p. 25-38, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1037>. Acesso em: 29 mar. 2020.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis. v. 04, n. 01, p. 5-22, jan./jun, Florianópolis, 2012. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>. Acesso em: 08 mai. 2018.

JACOB, Reni Maria. **Narrativas sobre o primeiro Grupo Escolar do Município de Ouvidor-GO: 1949-1971**.

2016. 296 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação. Catalão, 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista de História Oral** (6), 2003, p. 9-25. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>. Acesso em: 17 abr. 2018.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. **Educ. rev.**, Belo Horizonte. v. 27, n. 1, p. 333-346, abr. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2017.

DELORY-MOMBERGER, CHRISTINE, Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação** [en línea] 2012, n. 17 (Septiembre-Diciembre). Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27524689002>. Acesso em: 16 nov. 2017.

FELIPE, Adilson dos Reis. **Narrativas de formação de famílias ciganas em Pires do Rio - GO (1964 – 1983)**. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação. Catalão, 2018.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 31-57.

GUARDIEIRO COSTA, Mara Rúbia. **Docência e história de vida no Curso Técnico em Magistério de Catalão – GO**. 2015. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação, 2015.

GUARINELLO, Norberto. Breve arqueologia da história oral. **Revista de História Oral**, v.1, p. 61-65, 1998, Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=92&path%5B%5D=96>. Acesso em: 29 mar. 2020.

- GRELE, Ronaldo J. La fluidez entre el pasado y el presente. **Historia, antropología y fuentes orales**, ISSN 1136-1700, Nº 36, p. 73-76, 2006. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/150270>. Acesso em: 05 abr. 2018.
- GROSSI, Yonne; FERREIRA, Amauri. Razão narrativa: significado e memória. **História Oral** (4). São Paulo: ABHO, p.25-38, 2001. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=33>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- HONORIO FILHO, W. A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de goiás-brasil. **Revista Actualidades Pedagógicas**, n. 54, p. 29-41. Ediciones Universidad De La Salle, Bogotá, Facultad de Educación, jul/dez 2009a. Disponível em: <https://ciencia.lasalle.edu.co/ap/vol1/iss54/2/>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- HONÓRIO FILHO, W. Dimensões da Pesquisa (auto)biográfica no V CIPA. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (org.) **Pesquisa (auto)biográfica, fontes, e questões**. CURITIBA: CRV, 2014, v.1, p. 145-164.
- HONÓRIO FILHO, W. Epistemologia e pesquisa (auto)biográfica. In: SOUZA, Inês Ferreira de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos. (org.). **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016, v. 1, p. 81-96.
- HONÓRIO FILHO, Wolney. Investigação biográfico-narrativa e história das instituições escolares. In: 6 Congresso Ibero-Americano em investigação qualitativa. **Anais de investigações qualitativas em educação**. Salamanca, ESPANHA: Universidade de Salamanca, 2017. v. 1. p. 56-61. Disponível em: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1318>. Acesso em: 09 mai. 2018.
- HONÓRIO FILHO, W. Memória e formação docente: o uso de (auto)biografias na formação do professor. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.). **(Auto)biografia e Formação Humana**. Natal/Porto Alegre: EDUFRRN/EDIPUCRS, 2010. p. 233-256.
- HONÓRIO FILHO, Wolney. Memória, experiência e educação: programa de treinamento de professores em curto prazo no interior de Goiás (1965-1983). In: GONÇALVES, Ana Maria (org.). **Experiência e Educação**. Goiânia: FUNAPE/DEPECAC, 2010. p. 135-156.
- HONÓRIO FILHO, Wolney. O ordinário e o extraordinário na formação de professores no interior de Goiás. **Revista de História**. Vitória - ES. V. 15, N.1, p. 135-150, 2003. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2407>. Acesso em: 19 abr. 2018.
- HONÓRIO FILHO, Wolney. ALENCAR, Alessandra Cardoso. O Professor e a Cultura Didática do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão Catalão - 1965-1983. **Cadernos da FUCAMP** v. 7, n. 1, p. 1-15 2008. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/33/138>. Acesso em: 22 fev. 2018.
- HONÓRIO FILHO, Wolney; CAMPOS, Camila Aparecida de. O Centro de Formação de Professores de Catalão e suas relações com o Regime Militar: Catalão-GO, 1965-1983. **Cadernos de História da Educação (UFU)**, v. 6, p. 221-235, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/284/280>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- HONÓRIO FILHO, W.; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. Temporalidade biográfica nas histórias de vida. **VIII CIPA**, São Paulo, 2018 (mimeo).
- HONÓRIO FILHO, Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. **Revista Educação**. Porto Alegre RS. V. 34, p. 189-197, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/8704/6356>. Acesso em: 29 mar. 2020.
- LIMA, Daniel Fernando. **Formação e profissionalização de pedagogos do interior de Goiás a partir de suas biografias educativas**. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação. Catalão, 2014.
- PAISLANDIM, Ivanilian Ferreira. **O Instituto Federal de Goiás (IFG) de 1999 a 2014: narrativas dos servi-**

dores técnicos administrativos. 2017. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação. Catalão, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M.C.; SILVA, Vivian Batista da. (org.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: **Revista de História Oral.** V.3, p. 117-127, 2000. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=26&path%5B%5D=20>. Acessado em 24 abr. 2018.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. **Revista Tempo.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, v.1, n. 2, p. 59-72, 1996.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. I. Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: Queiroz, Maria Izaura Pereira de (org.). **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1991, p. 1-26.

RAMOS, Michael Daian Pacheco; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhaes de; SANTOS, Maria Rita. Estado da arte da pesquisa (auto)biográfica: uma análise do portal de periódicos CAPES. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica,** Salvador, v. 02, n. 05, p. 449-469, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3054/2510>. Acesso em: 08 mai. 2018.

RIBEIRO, Manuela. As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica: reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno. **Revista Crítica de Ciências Sociais,** N. 44, p. 125-141, 1995. Disponível em: <https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/56447?mode=full>. Acesso em: 05 abr. 2018.

SABINO DA SILVA, Rubislei. **A formação docente em**

Goiás na perspectiva do egresso do Curso de Licenciatura Plena Parcelada em Pedagogia (2000-2007). 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação. Catalão, 2015.

SANTAMARINA, C.; MARINAS, L. M. Historias de vida y historia oral. In: DELGADO, L. M. e GUTIÉRRES, 1. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales.** Madrid: Síntesis, 1994. p. 259-287.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; MAGALHÃES Maria Luisa; BARROS, Vanessa Andrade. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Revista Mosaico: Estudos em Psicologia.** Belo Horizonte/MG. v. 01, n. 01, p. 25-35, 2007. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/4344/3154>. Acesso em: 05 mai. 2018.

SILVA, Michele Ferreira da. **Trajatórias formativas de professores e alunos do curso de História: Catalão de 1991 a 2004.** 2015. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação. Catalão, 2015.

VAZ, Renata Cristine Santos. **Narrativas de “Alunas-Professoras” sobre o Grupo de Aplicação do C.F.P.P de Catalão/GO (1964 – 1983).** 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial – Educação. Catalão, 2018.

VERAS, Eliane. Historia de Vida: ¿Un método para las ciencias sociales? **Cinta moebio,** Santiago, n. 39, p. 142-152, dic. 2010. Disponível em https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-554X2010000300002&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 06 abr. 2018.

Recebido em: 29.09.2019

Revisado em: 23.03.2020

Aprovado em: 26.03.2020

Wolney Honorio Filho é Doutor em História pela Universidade Católica de São Paulo e Professor da Unidade Acadêmica Especial de Educação – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Docente do Programa de Mestrado em Educação e do Curso de Pedagogia. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Catalão (NEPEDUCA). E-mail: whonoriof@gmail.com

Rita Tatiana Cardoso Erbs é Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora da Unidade Acadêmica Especial de Educação – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Integrante Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Catalão (NEPEDUCA). E-mail: professoraritaerbs@gmail.com